

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Edilene Perpétua Socorro Paulo

**SIM. PRINCESAS NEGRAS EXISTEM!**

Belo Horizonte

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCENCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Edilene Perpétua Socorro Paulo

**SIM. PRINCESAS NEGRAS EXISTEM!**

Belo Horizonte

2012

Edilene Perpétua Socorro Paulo

**SIM. PRINCESAS NEGRAS EXISTEM!**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico Raciais.

Orientador: José Eustáquio de Brito

Belo Horizonte

2012

Edilene Perpétua Socorro Paulo

**SIM. PRINCESAS NEGRAS EXISTEM!**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico Raciais.

Orientador: José Eustáquio de Brito

Aprovado em 07 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

---

José Eustáquio de Brito – Universidade do Estado de Minas Gerais

---

Edilene Perpétua Socorro Paulo

*Dedico este trabalho a todas as crianças:  
sobrinhos/as; alunos/as; na esperança que a  
semente germine...*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que tornou minhas escolhas as melhores possíveis, não me deixa fraquejar me mantendo fortalecida e refaz meu animo pra seguir a diante.

A UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais), que me oportunizou ampliar meus conhecimentos com relação à educação.

A todo/as professores e professoras que fizeram parte de minha trajetória de formação desde a pré-escola até hoje na pós-graduação. A todos/as colegas e amigas/os do curso de Educação e Relações Étnico Racial que muito contribuíram na minha formação.

Aos meus alunos e alunas, crianças que me revelam possibilidades de recomeço...

*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem e ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se elas podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto.*

Nelson Mandela

## RESUMO

O presente trabalho consiste na sistematização e efetivação de um Plano de Ação Pedagógica voltado para abordar a temática étnico- racial com crianças de 5 e 6 anos em uma UMEI - Unidade Municipal de Educação Infantil - de Belo Horizonte. Foi elaborado partindo da análise reflexiva da minha trajetória pessoal (mulher, negra) e formação profissional (pedagoga, professora/educadora da educação infantil), problematizando com as referências conceituais e conhecimentos adquiridos ao longo do curso de especialização do LASEB. Este projeto teve como objetivo dialogar com crianças pequenas sobre como se vêem e como vêem o outro em suas diferenças. Na busca de ressignificação da imagem e personificação de princesas negras/africanas, foram utilizados contos africanos como instrumentos de intervenção e desta forma auxiliar crianças a desenvolver símbolos próprios de auto – reconhecimento, valorizando sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser, contribuindo na construção de uma imagem positiva de si mesmo e do outro.

**Palavras – chave:** Princesas, negro/a, identidade, educação infantil

## Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1.Contextualização da UMEI.....	12
1.2. Primeira abordagem da Temática Étnico - Racial.....	14
2. OBJETIVOS.....	18
2.1. Geral.....	18
2.2 Específicos.....	18
3. CONTOS E HISTÓRIAS INFANTIS NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DAS CRIANÇAS.....	19
4. METODOLOGIA.....	23
4.1 Projeto: Princesas Negras.....	25
4.2 Roteiros de ação 2011/2012.....	28
4.3.Plano de Ação em Prática - 2012.....	30
5. AVALIAÇÃO.....	33
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
7. REFERENCIAS.....	37
8. ANEXOS.....	38

## 1. INTRODUÇÃO

A discussão da temática étnico-racial na educação infantil é de extrema importância, pois sabemos que o preconceito opera por meio das interações sociais que vivenciamos desde a infância. Por meio dessas interações a criança constrói uma imagem de si, do que é bonito e socialmente aceito. Muitas vezes, a criança traz em seu corpo características físicas que são desvalorizadas socialmente o que acaba contribuindo para uma construção de uma imagem não positiva de si mesma. Os contos e histórias que alimentam a imaginação das crianças desde bem cedo, trazem uma imagem de reis e rainhas, fadas e princesas, histórias que revelam personagens que tem sua origem na tradição européia.

Entendo que a afirmação de uma identidade negra muitas vezes nos é negada desde a infância, tendo as narrativas infantis influencia na construção das identidades ao apresentar apenas um conceito de beleza. Que menina nunca brincou de ser uma princesa, não se imaginou estar em um castelo em uma terra encantada? Mas, quais as referências de beleza que os clássicos infantis trazem de príncipe e princesa? Quais os padrões de beleza que desde a infância nos é transmitido e que encontram representatividade efetiva nas histórias infantis? Nos contos literários infantis, as princesas e fadas são, quase sempre, brancas, dos olhos claros, cabelos longos e lisos histórias que não contemplam nossa realidade.

De acordo com esta perspectiva, pode-se destacar que a literatura infantil brasileira é repleta de exemplos de representações de príncipes e princesas, no entanto estas representações transmitidas de geração a geração não contemplam de maneira igualitária a diversidade étnica racial do país. Muitas vezes, as crianças negras acabam se auto-identificando com o ideário da beleza do branco e construindo uma negação com relação à semelhança a indivíduos negros.

Nesse sentido, as crianças negras precisam de representações positivas da figura do/a negro/a para que com ele/a possa fazer suas identificações com relação ao pertencimento racial. Considerando todas estas afirmações, o plano de ação aqui sistematizado priorizou o trabalho com contos que revelem uma imagem príncipe e princesa diferente da convencional, contempladas por histórias que vieram da

cultura oral africana para o Brasil e que ainda são pouco explorados na educação escolar.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: Primeiramente apresento a UMEI – Unidade Municipal de Educação Infantil - enquanto espaço social onde convive a diversidade, crianças, educadoras, funcionários/as, família. Depois pontuo a relevância da abordagem pedagógica da temática étnico - racial na educação infantil, contemplando em seguida os objetivos propostos para execução da ação pedagógica.

Este Plano de ação foi direcionado para atender crianças na faixa etária do ensino infantil. Por meio do curso de especialização foi construída a base teórica para dialogar com crianças em sua formação identitária. Discuto a importância dos conteúdos expressos nas narrativas e discursos na elaboração da imagem que a criança faz de si e do outro, tendo como aporte teórico a linha pós estruturalista dos Estudos Culturais, que nos apresentam conceito de cultura, identidade, e poder.

Apresento a execução do plano de ação acolhendo os contos infantis como instrumentos de formação identitária, dando ênfase a representação destes para as crianças tendo como referência contos da literatura oral africana.

## 1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA UMEI

O Plano de Ação pedagógico foi pensado e realizado em uma UMEI situada na região nordeste de Belo Horizonte. Escola a qual desde julho de 2005 faço parte da equipe de educação infantil no cargo de educadora. Desde a sua inauguração, em novembro de 2005, a instituição recebe crianças do 1º ciclo da educação infantil (quatro meses a dois anos e oito meses) ao 2º ciclo da educação infantil (dois anos e nove meses à cinco anos e oito meses).

A escola foi construída por meio de OP (orçamento participativo) reivindicação dos moradores da região que ano 2000 mobilizaram-se para a aprovação da obra. A unidade de ensino primeiramente foi pensada para ser uma creche comunitária e só depois se tornou uma UMEI da rede pública. Desde sua inauguração, a cerca de 7 anos, o trabalho e organização do espaço vem se consolidando junto a comunidade que atende.

Quem visita a escola logo se encanta pelo espaço colorido e lúdico que compõe um ambiente bem aconchegante e atrativo as crianças e a visitantes. Espaço aconchegante pensado para atender exclusivamente à crianças até seis anos de idade, fase que corresponde à primeira infância. A escola se localiza em uma região de grande acesso, assim, é muito procurada e visitada por famílias de bairros diversos. Sua estrutura possui berçário, fraldário, lactário, duas salas de referência para crianças de quatro meses a três anos em horário integral, três salas de referência para crianças em atendimento parcial de três a cinco anos e oito meses, cozinha, refeitório, banheiros infantis, de adultos e para deficientes.

Se comparada a outras UMEIs da rede, a escola é pequena, atende cerca de 196 crianças em seu total, sendo que aproximadamente 46 destas crianças freqüentam a escola em horário integral e o restante se divide entre o turno da manhã e o da tarde. Percebe que o trabalho realizado pela instituição tem boa aceitação junto à comunidade que participa ativamente dos projetos e eventos propostos pela escola.

A realidade revela que a escola infantil consegue atender um número reduzido de crianças perto da demanda da lista de espera que possui. Lista de espera que chega a ter, dependendo da turma, 10 vezes mais crianças do que o número de vagas

ofertadas. Assim constatada-se que apesar da educação infantil pública e gratuita no Brasil ser direito da criança, esta não consegue contemplar grande parcela de crianças na faixa etária. As vagas são ofertadas da seguinte forma: 70% são destinadas às crianças em vulnerabilidade social e 30% às demais famílias por meio de sorteio.

No ano de 2011 O PPP (Projeto Político Pedagógico) da instituição foi reestruturado apresentando como parte dos fins e objetivo geral da instituição a “garantia da igualdade de tratamento e respeito às diferenças individuais.” Não faz referência direta às questões étnico-raciais, porém, a atenção a diversidade pode ser verificada na ornamentação das salas, nos brinquedos, nos painéis, considerando o “potencial pedagógico” que a brinquedos, e imagens visuais possuem no contexto da instituição infantil.

De acordo com dados fornecidos pelas famílias e que consta no PPP da instituição, 60% das famílias se declaram como brancas, 10% como pardas e 25% como negras, e 5% não declaram, todas com renda mensal entre 1 a 3 salários mínimos. Neste sentido, percebe-se que o público infantil que a escola atende é em sua maioria crianças brancas oriundas de famílias de baixa renda. No entanto, não se pode deixar de considerar a significativa parcela de crianças negras que frequenta a escola também oriunda da classe de baixa renda. Muito menos se pode deixar de problematizar a relevância das relações que se estabelecem entre crianças, famílias, docentes e demais profissionais da escola e celebrar o encontro com diversidade neste espaço privilegiado que é o da educação infantil.

O acolhimento as crianças é feito diariamente e é pautado no cuidar e educar. Penso a educação infantil enquanto etapa essencial de formação da criança, no desenvolvimento do potencial motor, cognitivo e social. Assim é o período de aprendizado e construção de conceitos sobre o mundo e sobre o outro.

## 1.2. Primeira abordagem da temática étnico-racial

No início de cada ano é elaborado um projeto pedagógico institucional que contempla uma determinada temática mais ampla, possibilitando que dentro deste várias abordagens sejam elaboradas contemplando a faixa etária de cada turma.

No ano de 2010 foi proposto, à equipe de educadoras da UMEI Cachoeirinha, um projeto pedagógico institucional voltado para o trabalho com literatura infantil. O projeto institucional “Viajando no Mundo da Literatura” teve início em março de 2010 com encenação feita com a participação de todas as educadoras para as crianças. Cada educadora se fantasiou de um personagem das histórias ditas clássicas dos contos infantis.



No segundo semestre, cada turma, de acordo com a especificidade e idade das crianças, deveria escolher uma obra literária para direcionar o trabalho em sala. A temática da obra escolhida pela turma deveria ser o ponto de partida para a produção de material (painéis, objetos, desenhos) para uma exposição e encenação teatral para as famílias das crianças. Essa apresentação culminaria no encerramento do projeto literatura no início do mês de novembro.

Eu, então educadora de uma turma de 16 crianças na faixa etária de 4/5 anos, me senti desafiada a produzir um subprojeto que tivesse como temática a cultura africana. Já nesta época percebia em minha prática pedagógica a necessidade de desenvolver abordagens que dessem conta de manter um diálogo com as crianças com relação a diversidade étnico-racial.

No ano anterior (2009), mais exatamente no mês de julho, eu havia concluído o curso de pedagogia na UEMG (Universidade do Estado de Minas gerais), sendo que o tema de minha pesquisa de monográfica abordava justamente a questão da importância das narrativas na construção da imagem positiva do negro/a pelas crianças. Neste sentido, um turbilhão de idéias invadiam minha cabeça para realizar uma intervenção pedagógica contemplando a temática.

Em 2010 a primeira decisão tomada foi a escolha da obra que seria a geradora da problemática. A obra escolhida foi “Princesas Negras e a sabedoria ancestral” de Edileuza Penha de Souza e Ariane Celestino. Este livro voltado para o público infantil apresentava aos leitores/as uma visão de uma princesa diferente da convencional ao nos dizer: “Não são as roupas, coroas ou castelos que identificam as princesas negras, mas sim sua pele rica em melanina, seus cabelos crespos, sua sabedoria, sua ancestralidade...” Este livro me auxiliou no diálogo com as crianças e também com as famílias no sentido de construção de uma imagem de príncipe e princesa diferente daqueles que as histórias dos clássicos da literatura infantil apresentavam. Ao afirmar que: “Existem muitas princesas negras. Estão espalhadas por toda parte do Brasil e do mundo”<sup>1</sup> nos desafiava a buscar por esses príncipes e princesas negras silenciados/as, esquecidos/as e que nunca estiveram em nosso imaginário.

### **EXISTEM DIVERSOS PRÍNCIPES E TAMBÉM DIFERENTES PRINCESAS!**

#### **ABRA E VEJA QUANTA BELEZA!**



Fig. 1



Fig. 2



Fig.3

---

<sup>1</sup> Trechos da obra: Meireles, Ariane Celestino e Souza, Edilene Penha de. *Princesas negras e a Sabedoria ancestral*. Ed. Nandyala. 2010.

Nesta perspectiva pesquisei por contos e histórias infantis africanos que apresentassem príncipes e princesas negras. Encontrei e trabalhei com as crianças o conto “As Pérolas de Cadja” versão africana da história da Cinderela. Conto que foi lido, apreendido, encenado e apresentado as famílias e ao coletivo da escola no encerramento do projeto “Viajando No Mundo da Literatura” e abriu a semana da Consciência negra na escola.



Fig.4



Fig. 5

#### Encenação do conto: *As pérolas de Cadja*<sup>2</sup>



Fig. 6

No ano de 2011 ao ingressar no curso de pós graduação do LASEB, Educação e relações étnico-raciais, oferecido pela rede municipal de educação de Belo Horizonte. Muito feliz pela oportunidade de ampliar meus conhecimentos dentro da temática étnico-racial e contribuir no aprimoramento dos projetos de intervenção e

---

<sup>2</sup> Versão africana da história da Cinderela.

estratégias pedagógicas na escola e pensando em dar continuidade em ações que poderiam contribuir para o empoderamento de crianças negras e não negras.

Com a demanda do curso de especialização em se realizar um plano de ação na escola decedi por retomar a abordagem da discussão com relação à temática novamente com as crianças por meio dos contos africanos. Na intencionalidade de contemplar a riqueza cultural dos povos africanos contidos nos textos oriundos da tradição oral africana me propus a elaborar um roteiro de ação pedagógica, acolhendo as narrativas orais como instrumento de intervenção pedagógica.

Após pesquisa fiz uma coletânea de contos infantis. Optei por narrativas oriundas da cultura africana na perspectiva de agregar a imagem de princesa/ príncipe negro/a africana pensando na importância identificações positivas da imagem do/a negro/a pelas crianças na afirmativa de que príncipes e princesas negras sim, eles/elas existem!

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Geral**

Auxiliar crianças a valorizarem sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser, favorecendo para que construam uma imagem positiva de si mesma, veiculando conhecimentos por meio de histórias e contos infantis que ensinam maneiras de se olhar para si mesmo e para o outro e que podem trazer identificações positivas da imagem do/a negro/a pelas crianças.

### **2.2 Específicos:**

- a) Contribuir para uma afirmação positiva com relação ao pertencimento racial da criança;
- b) Propiciar contato com histórias da literatura infantil que trazem personagens negros representados de forma positiva;
- c) Criar novos referenciais às crianças negras, que crescem ouvindo contos de fadas europeus com personagens que contradizem a realidade brasileira;
- d) Contribuir para o conhecimento da beleza, riqueza e dignidade das culturas negro-africanas;
- e) Valorizar as características étnicas das crianças afrodescendentes, possibilitando a identificação com sua cor, a partir do princípio do respeito às diferenças e do fortalecimento da auto-estima;
- f) Ampliar o foco da concepção de Currículo como artefato cultural, na perspectiva de direcioná-lo no sentido da exposição e discussão de questões muitas vezes marcadas pelo silenciamento no espaço escolar: étnico-raciais, sociais e contribuição histórico-cultural das culturas negro-africanas.

### **3. CONTOS E HISTÓRIAS INFANTIS NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DAS CRIANÇAS**

A construção da identidade da criança passa fatalmente pelos referenciais apresentados a ela. Personagens como reis/ rainhas, príncipes / princesas e fadas, encantam as crianças desde cedo e acabam se constituindo como referenciais de beleza e bondade para os/as pequenos/as. O contato com essas histórias se dá por meio de livros infantis e também por meio de contos orais narrados e reforçados pela família e/ou pela escola. Crianças brancas e também negras crescem tendo como referência personagens em sua maioria com características físicas e culturais européias que não contemplando a diversidade étnico-racial brasileira.

Neste entendimento, destaca-se que nas instituições de educação infantil podemos verificar como a diversidade étnico-racial brasileira é abordada por meio das práticas educativas de acolhimento e respeito à diversidade ou não, nos discursos, silenciamentos ou posturas não discriminativas, nos materiais didáticos, na existência ou não de brinquedos que contemplem a diversidade étnico-racial e neste sentido também, em contos e histórias apresentados às crianças desde cedo. Destaca-se que a cultura africana que compõe a cultura brasileira muitas vezes é inferiorizada ou não é abordada.

Segundo Sousa e Souza (2006) “A história e a memória de vários povos africanos adentram e permanecem como parte de nossa cultura materializada, na literatura oral expressa pelos mitos, lendas contos etc., ou, ainda, servindo como base da literatura escrita (...)”. Neste sentido o autor nos revela que os contos, lendas e mitos têm sua origem na tradição oral. Essas narrativas orais foram coletadas e transcritas por alguns autores recebendo adaptações em diferentes tradições culturais. No entanto percebe-se que as narrativas orais da tradição européia foram acolhidas e originaram a produção de uma literatura voltada para crianças.

Na cultura africana os costumes e conhecimentos são transmitidos de geração para geração pelo ancião, indivíduo importante no continente africano. Os Contos, mitos e narrativas originárias da tradição oral. O conto e o mito são narrativas que buscam explicar a origem de alguma coisa, pessoa ou animal por meio do conhecimento

popular, sendo que o mito narra sobre como surgiram os deuses africanos. Já a lenda é uma narrativa criada do imaginário popular. Os contos, os mitos e as lendas nem sempre são verdadeiras, mas são formas de mostrar a resistência negra e perpetuar valores, como coragem, força e respeito e contribuem para afirmação das identidades das crianças negras. Sabe-se que os referências, os modelos, são importantes na construção da identidade de toda criança.

Neste sentido, é necessário explicitar que a construção da identidade tem como apoio as referências apresentadas à criança, e na escola temos como referência os educadores, os colegas, o currículo e o material didático. A formação da identidade também se dá pelos sistemas de representação que são construídos historicamente. Eles surgem do relacionamento dos indivíduos e dos grupos sociais e, ao mesmo tempo, regulam esse relacionamento. A maneira como o negro (a) é apresentado nos materiais didáticos pode reforçar a discriminação e o desprezo pela raça negra. Quando a criança vê uma raça/etnia representada sempre de maneira inferior ou desprezada, ela possivelmente irá construir a imagem dessa raça/etnia de acordo com o que lhe foi repassada e fará o mesmo com as pessoas que com ela se relacionam e se ela fizer parte dessa raça, se sentirá como a representação: inferior, desprezada e feia.

Tomaz Tadeu da Silva (2007) contribui neste sentido para entendermos o conceito de representação. Segundo o autor, representação se configura na produção de significados e sentidos produzidos a respeito dos indivíduos, das coisas e do mundo. Sendo que, esta produção de significados é construída social e culturalmente e transmitida por meio da linguagem escrita, oral ou imagética. Dessa forma, representação aqui diz respeito ao que está expresso nos livros, nos discursos, nas imagens veiculadas pela mídia que muitas vezes dizem e ditam como são e como devem ser indivíduos, nos currículos escolares que seleciona, elege e oculta saberes. Nesse entendimento podemos destacar que o discurso que uma história ou conto infantil traz, além de transmitir determinada cultura, também pode valorizá-la ou não, trazendo uma representação negativa ou positiva.

Nesta perspectiva, a criança se apropria de culturas e saberes historicamente acumulados pelo homem, adquirindo informações e construindo conhecimentos

sobre si mesma e sobre o outro. Neste sentido, percebe-se que histórias e contos de fada destinados às crianças podem conduzi-las para a descoberta de sua própria identidade e também apresentar ensinamentos positivos ou negativos com relação ao outro.

Na abordagem dos Estudos Culturais<sup>3</sup> as relações de e dominação que se estabelecem entre as diferentes culturas devem ser questionadas fazendo com que se perceba o processo de marginalização de determinadas culturas e de grupos em desvantagem social como os/as negros/as, Ao tornar claro o processo histórico destas relações de poder, estes Estudos mostram que as posições ocupadas pelos diferentes grupos podem mudar, não é preciso que seja aceito como verdade absoluta, um discurso, uma história construída pela própria sociedade.

A cultura, eixo das discussões dos Estudos Culturais é entendida como campo de luta em torno da significação social. (Cf. SILVA, 2007, p. 133), no qual diferentes grupos sociais produzem seus significados e tentam impô-los aos demais.

“A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla.” (SILVA, 2007, p. 133-134).

Segundo Johnson, “cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades” (JOHNSON, 2006, p.13). SILVA (2007), por sua vez, afirma que cultura é um jogo de poder no qual é definida a forma que o mundo deve ter, e a forma como as pessoas e os grupos devem ser. Neste sentido o conceito de poder perpassa o conceito de cultura, representação e identidade.

Assim ao conceber identidade como processo de auto-referencia feita na relação com o outro se percebe a relevância dos profissionais da educação infantil adequar suas práticas educativas de modo à inclusão da cultura africana e a educação para as relações étnico-raciais. As narrativas infantis podem ser utilizadas como uma ferramenta bastante útil para a afirmação positiva da identidade negra e a

---

<sup>3</sup> De acordo com Silva (2007, p.134), em uma definição mais sintética “poder-se-ia dizer que os Estudos Culturais estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder”.

sensibilização com relação ao respeito à cultura africana ao trazer ensinamentos que contribuam para a formação das identidades, o modo de se perceber no mundo e se aceitar tendo em vista seus costumes, comportamentos e valores.

#### 4. METODOLOGIA

Este Plano de Ação foi aplicado nas três semanas que antecederam a comemoração do Dia 20 de Novembro. A proposta de trabalho foi voltada para atender crianças de 5/6 anos da Unidade de Educação infantil localizada no bairro Cachoeirinha. A temática foi abordada por meio de contos oriundos da tradição oral africana, buscando por meio dos contos africanos contribuir para outra visão da África diferente da que convencionalmente foi historicamente representada em nossa cultura. Também, agregar a memória das crianças imagens de pessoas negras neste lugar de encantamento atribuído a imagem de princesa.

O diálogo foi realizado em dias alternados dentro da rotina diária da turma de 5 anos do turno da tarde. Das 21 crianças que fazem parte desta turma, 16 delas compunham a turma do ano interior. Isto quer dizer que apenas cinco crianças não participaram do projeto intitulado “Princesas negras” realizado no ano de 2010. Depois de combinar e acertar com a educadora referencia da turma de 5/6 anos, fiz uma primeira visita me propondo a vir conversar com as crianças sobre algumas questões. Todos/as demonstraram-se bem receptivas nas abordagens feitas no decorrer do desenvolvimento da ação pedagógica.

Após pesquisa e análise de alguns contos africanos contidos em obras literárias, ditas como Literatura Infantil Afro-brasileira, percebi a necessidade de algumas adaptações na narrativa escolhida - O casamento da Princesa de Celso Siso. Isto se fez necessário ao considerar a especificidade da idade das crianças. Deparei-me com uma obra literária que contemplava o conto escolhido por mim, no entanto as ilustrações não satisfizeram minhas expectativas, nesse sentido tive o cuidado de pensar nas imagens e ilustrações que poderia apresentar as crianças.

Posteriormente busquei na internet por representantes da realeza africanas na atualidade. O conto ocupou o lugar de mediador principal que permitia a criança pensar refletir e elaborar perguntas, sentir e representar acontecimentos neles apresentados. Foram desenvolvidas diversas atividades como dinâmicas; diálogo oral, painéis de fotos e de gravuras de pessoas negras; curiosidades sobre o continente africano; adereços para encenação, casal de bonecos negros; registro

por meio de desenho feito pelas crianças; colagem com lã em figura rosto negra; encenação e reconto da história.

#### 4.1. Projeto literatura - Princesas Negras

2010

Duração: 3 meses



Fig. 7<sup>4</sup>

- ✓ Apresentação da obra;
- ✓ Leitura de trechos do livro;
- ✓ Dinâmicas;
- ✓ Manuseio de objetos;
- ✓ Atividades de registro: desenhos;
- ✓ Atividades de colagens com lã, areia preta e outras;
- ✓ Pintura de figuras relacionadas ao tema;
- ✓ Confeção de máscaras africanas;
- ✓ Chegada dos bonecos negros;
- ✓ Escolha dos nomes do príncipe e princesa Negra;
- ✓ Visita do casal de bonecos a casa de cada criança;
- ✓ Leitura do conto; “As Pérolas de Cadja”
- ✓ Reconto da narrativa
- ✓ Apresentação da proposta de encenação as crianças e escolha de personagem pelas crianças;

- ✓ Ensaio para apresentação;
- ✓ Boneca/o negra/o feito com garrafa petti;
- ✓ Organização e produção de material para compor o cenário;
- ✓ Culminância: Encenação do conto para coletivo da escola e família. Entrega de bonecas negras confeccionadas de papel
- ✓ Organização e entrega de álbum com atividades realizadas durante o período.

---

<sup>4</sup> Imagem coletada na revista Leitura Compartilhada do programa leia Brasil da Petrobrás fascículo 9 – Princesas Africanas

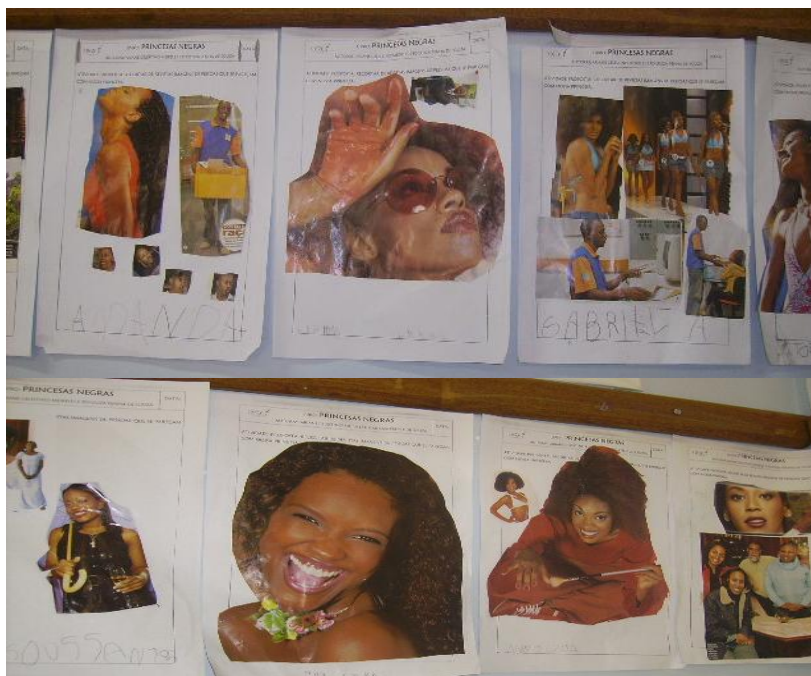


Fig.8 Atividade proposta: Seleção de imagens de mulheres que se pareçam com a princesa Cadja



Fig.9 Confeção de bonecos/bonecas negras



**Fig. 10**

Atividade confecção de bonecas e bonecos negros, com trajes africanos



**Fig. 11**

Atividade: confecção de máscaras africanas<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Em anexo 1 apresento o projeto completo desenvolvido com a mesma turma de crianças que então tinham 4/5 anos no ano de 2010.

#### 4.2 - Roteiros do Plano de ação – 2011/2012



Fig.12

Bonecos negros com nomes de origem africana. : Abayomi (nascido pra trazer alegria)  
Lila (boa) nomes escolhidos por votação com as crianças.<sup>6</sup>

- ✓ Outubro de 2011 abordagem e conversa com professora referência da turma de 5/6 anos para apresentar a proposta com a temática;
- ✓ Primeira semana do mês de Novembro de 2011: visita á turma de 5/6 anos propondo a turma minha presença em alguns momentos da rotina diária
- ✓ Segunda semana do mês de novembro  
1ª abordagem com a turma: Conversa na rodinha, dinâmica da caixa surpresa;
  - Diálogo: referencias de príncipes e princesas do imaginário das crianças; apresentação dos bonecos negros e seus nomes africanos;
  - Contexto histórico: reis, rainhas, príncipes e princesas de reinados africanos.
  - Contação de história: “O casamento da princesa” com participação das crianças.

---

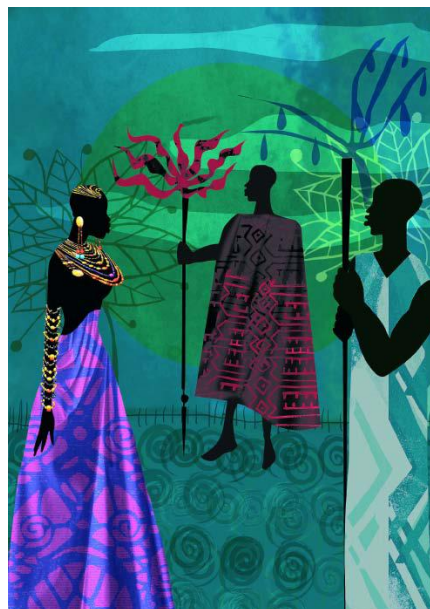
<sup>6</sup> Estes bonecos foram utilizados no ano anterior e por isto já eram familiares a maioria das crianças

# O casamento da princesa

## Celso Sisto

*A beleza andava de mãos dadas com a princesa Abena, pois tinha reunido numa só pessoa um harmonioso pescoço alongado e um rosto arredondado.*

*O rei, seu pai, sorria para si e para o mundo, cada vez que constatava, com os próprios olhos, a formosura da filha. E por isso acreditava que seria fácil casá-la, quando chegasse a hora. A sucessão dos anos só aumentava a perfeição dos traços de Abena. Além de tudo, ela tinha ainda a ajuda dos magníficos trajes que usava: sempre envolta nos mais belos tecidos e vestimentas; sempre adornada com os mais fulgurantes colares e brincos; sempre emergindo do colorido das roupas, como a mais nobre visão da beleza. A notícia da suprema graça de Abena circulou pelas tribos, atravessou os mares, subiu aos céus, correu por toda a África tropical. Mas foi só quando os habitantes dos mais distantes povoados começaram a chegar para ver com seus próprios olhos a princesa mais linda do mundo, é que chegaram também os pedidos de casamento. Os primeiros pretendentes à mão da princesa foram o Fogo e a Chuva.*<sup>7</sup>



2ª abordagem: Conversa na rodinha;

- Reconto com a turma da história;
- Registro das crianças por meio de desenhos;



Fig.14



Fig.15

3ª abordagem: realização de atividade de colagem sobre figura de rosto negro;

4ª abordagem: saindo da fantasia e entrando na realidade: Princesas Negras Africanas? Sim, elas existem!

<sup>7</sup> Trecho e imagem do texto do livro literário “O casamento da princesa” retirado da revista Leitura Compartilhada do programa leia Brasil da Petrobrás fascículo 9 – Princesas Africanas

### 4.3. Plano de Ação em prática



Fui ao encontro das crianças da turma de 5/6 anos no início do horário da tarde. A turma já estava reunida em círculo preparada pela educadora que antes da minha chegada explicou às crianças que havia chegado o dia da minha visita como tinha sido combinado. Levei comigo um casal de bonecos negros e uma caixa surpresa. (o conteúdo da caixa era uma coroa, duas varetas com símbolos africanos de fogo e chuva, alguns lenços coloridos).

As crianças se mostraram curiosas para saber o conteúdo da caixa. Então disse a elas que dentro continham um objeto precioso e que pertencia a alguém muito especial. Apresentei os bonecos negros Abayomi e Lila (nomes de origem africana que significa Abayomi: nascido pra trazer alegria e Lila: boa - expliquei) expliquei que faziam parte de todo aquele misterioso tesouro. Varias crianças insistiram pedindo para segurar os bonecos e combinamos que durante o tempo que eu estivesse ali os bonecos Abayomi e Lila passariam pelas mãos de cada um alternadamente. Coloquei no meio do círculo a caixa colorida fazendo suspense de seu conteúdo. Propus que assim como os bonecos a caixa passasse de mãos em mãos e cada um apenas olhasse para dentro da mesma sem nada dizer ao colega.

No diálogo com as crianças pude perceber que todos tinham em mente a imagem daquele príncipe e princesa idealizada nos contos infantis: “Os príncipes são fortes,

morram lá no castelo'; "A Branca de Neve é uma princesa, ela é muito bonita, tem o cabelo assim"; Perguntei então se achavam que todas as princesas eram iguais; se moravam em castelos e usavam coroas como a que eu estava usando. Um das crianças logo respondeu que se lembrava da "Cadjá". Perguntei a ela o que se lembrava da Cadjá. A criança respondeu: "Uma princesa uai! Perguntei Cadjá é uma princesa de onde? E a criança respondeu: "Láaa da África!". Citando então o conto africano trabalhado com a turma no ano anterior.

Perguntei se mais alguém se lembrava da história e algumas crianças levantaram a mão. Perguntei o que se lembravam e foram citando os personagens que os mesmos haviam representado na encenação do conto no ano anterior. Pedi que me descrevessem como era Cadjá. Disseram: "Ela é bonita", "Tem um irmãozinho", "A madrasta dela é feia", "Foi a Ana Clara". Até então não haviam feito referência a princesa como negra. Então perguntei: A princesa Cadjá se parece com a Branca de Neve? Uma menina respondeu: "Não ela é diferente!" Perguntei: Diferente como? E uma menina respondeu: "É negra, né Dilene?" Neste momento um menino pegou um brinquedo que estava no seu bolso dispersando um pouco a atenção das outras crianças. A professora referência da turma então pediu o brinquedo e guardou-o no armário da sala.

Através da referência, princesa negra, foi possível perceber uma identificação feita por algumas crianças com a personagem. Uma criança afirmou "eu também sou negro!" A partir disso o diálogo ocorreu em função da abordagem remetendo a nossa africanidade. Perguntei o sabiam sobre África; abordei aspectos culturais (comida, música, língua, vestimentas, comportamentos) e também na nossa pele negra, cabelos crespos, nosso rosto, nossos corpos aspectos que nos ligam a África, fazendo uma explanação oral breve sobre a contribuição do povo africano na formação do povo brasileiro. Abordei também nossa descendência negra vinda de reis rainhas, príncipes e princesas africanas seqüestrados na África e trazidos ao Brasil como escravos.

Neste momento, algumas outras crianças também se manifestaram relembando os personagens da narrativa. Utilizei os dois bonecos negros para representar os personagens da narrativa e convidei a turma a participar de uma contação de

história da princesa africana. Entreguei alguns acessórios para compor a narrativa intitulada “O casamento da princesa”. Busquei explorar bastante os elementos da cultura africana abordados na história. Durante os dias que se seguiram algumas atividades de artes registro foram propostas a professora da turma e acatada por ela de maneira efetiva.

Em outro momento de volta a turma retomei o diálogo na rodinha sobre as princesas/ príncipes e as diferenças individuais que nos fazem únicos e especiais. Após propus a turma fazer o reconto da narrativa “O casamento da princesa.”

Finalizei minha abordagem saindo da fantasia e entrando na realidade - Indagando: O que é necessário para ser um príncipe ou uma princesa? Uma criança relata que viu pela televisão “o casamento do príncipe com a princesa” acredito, se referindo ao casamento do príncipe Willian de Gales herdeiro do trono Britânico, ocorrido alguns meses atrás. O que me fez pensar da invisibilidade do negro/a neste lugar de destaque e valorização na posição de realeza, de poder.

No diálogo com as crianças com relação a reis, rainhas, príncipes e princesas trazidas para o Brasil como escravo, me fez a seguinte indagação: Há reis e rainhas na África na atualidade? O que me possibilitou pensar em apresentar as crianças uma visão da África mais contemporânea. Neste sentido, pesquisei sobre os reinados existentes no continente africano hoje. A minha intenção era trazer para as crianças imagens que mostrassem realezas africanas e pensar com as crianças as semelhanças e distinções da imagem que tinham personificado de reis e rainhas, príncipes e princesas.

Outra atividade realizada foi a apresentação de imagens de pessoas negras em destaque no Brasil – ator/atriz; cantor/cantora. Mostrei as imagens uma a uma em silêncio e coloquei no meio da roda para que todos/as crianças pudessem visualizar. Deixei que pegassem e manuseassem pedindo que me ajudassem a identificar quem eram e se conheciam. Organizamos um pequeno painel com as imagens e falas das crianças.

## 5. AVALIAÇÃO

As crianças acolheram bem e com entusiasmo a proposta feita a elas. Um dos principais objetivos da ação pedagógica era que a intervenção por meio de contos africanos de agregassem à memória das crianças referências do/a negro/a em posição de destaque, rompendo com imagens negativas atribuídas ao mesmo. Dentro deste propósito, identifiquei na fala de meninos e meninas negros/as a identificação direta e positiva com as personagens dos contos narrados. Também fiquei bastante satisfeita perceber na fala das crianças negras e não negras a referência direta à princesa diferente daquela imagem das princesas da Disney.

Constatei, também, que as crianças conseguiram distinguir a realidade da fantasia quando propus a reflexão com as imagens de realezas africanas na atualidade. Percebi que nos desenhos que produziram algumas crianças conseguiram representar os personagens negros ao usarem lápis marrom e/ou preto no colorido dos mesmos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança desde bem pequena se encantada pela magia dos contos e brincam de ser príncipes e princesas incentivadas pelas narrativas de contos de fadas se inserindo no mundo de fantasia e a partir e por meio dele constroem suas identidades.

O fascínio que a palavra princesa provoca nas crianças é muitas vezes compartilhado por mulheres já adultas. Conexão com valores e sentimentos que nós mulheres carregamos conosco desde a infância. Acredito que isto aconteça devido aos sentidos e significados produzidos em nosso inconsciente coletivo atribuído a personificação de princesa ligada à bondade e principalmente a beleza.

No entanto, as princesas das histórias infantis tem um padrão estético de beleza que não contempla a pessoa negra. Meninas negras nem sempre se vêem representadas na imagem de beleza das princesas e desde bem cedo aprendem que seus cabelos são “ruins” e que a solução para deixá-los “bons” é alisá-los para que assim fiquem mais belas. Belas como as princesas dos contos de fadas.

Seria muita pretensão minha pensar que este Plano de Ação por mim desenvolvido fosse capaz de mudar esta referência de princesa já arraigada em nossa cultura. Muito menos questiono a relevância dos contos infantis tão conhecidos de autores como Perrault, Grim, Anderson entre outros. Considero, sim, indispensável agregar à memória das crianças a imagem da princesa bela, de cabelos crespos, rosto redondo, nariz achatado, pele negra! Penso em cada criança negra e no que pode representar para elas a possibilidade se verem como princesas/príncipes<sup>8</sup> tendo como referência também uma imagem de princesa/príncipe negra/africana.

Acredito que a escola deve contribuir para a formação de uma identidade positiva de pertencimento racial das crianças. E esses primeiros passos podem e devem ser dados na educação infantil no aprendizado diário de amor, respeito e zelo pelo outro em suas diferenças e particularidades.

---

<sup>8</sup> Aqui faço referência ao texto - **Das (im)possibilidades de se ver como anjo...** da autoria de Dagmar E. Estermann Meye

Assim, no ambiente escolar da educação infantil as “rodinhas” de conversas, a contação de histórias, as brincadeiras e festas são momentos propícios e ricos no envolvimento de várias práticas culturais ao possibilitarem a construção de novos conhecimentos e novas identidades, pluralizando os pertencimentos étnicos favorecendo as auto- identificações.

## 7. REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003. **Altera a Lei 9.394 de 20 de novembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro brasileira" e da outras providencias.** Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 de jan. 2003.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira.** Parecer CNE/CP3/2004.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha B. Gonçalves (orgs). O desafio da diversidade. In: **Experiências Étnico-Culturais para a Formação de Professores.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.13-33.

\_\_\_\_\_. **Corpo e Cabelo como Ícones de Construção da Beleza e da Identidade Negra nos Salões de Beleza Étnicos de Belo Horizonte.** Tese 118 (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2002, 450p.

MEIRELES, Ariane Celestino e SOUZA, Edilene Penha de. **Princesas negras e a Sabedoria ancestral.** Ed. Nandyala, 2010.

MUNANGA, Kabenguele (org.) **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, secretaria do Ensino Fundamental, 1999.

\_\_\_\_\_. "Personagens negros- um breve perfil na literatura infanto-juvenil". In: Munanga, K. (org). **Superando o Racismo na Escola.** Brasília, MEC-SEF, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola.** Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

PRIORE, M. **História das Crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1999.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. **Almanaque Pedagógico Afro brasileiro: uma proposta e intervenção pedagógica na superação de racismo no cotidiano escolar.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução as teorias do currículo.** 2. ed. 10. reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 156 p.

\_\_\_\_\_. **Alienígenas na sala de aula, Ed. Vozes, 1995.**

[http://www.leiabrasil.org.br/pdf/Princesas%20Africanas\\_bx.pdf](http://www.leiabrasil.org.br/pdf/Princesas%20Africanas_bx.pdf) – Acessado em fevereiro de 2012

## 8. ANEXO 1

Projeto literatura  
“PRINCESAS NEGRAS”

**Professora:** Edilene Perpétua Socorro Paulo

**Faixa etária:** turma de 4/5 anos

**Ano:** 2010

**Tempo estimado:** Três meses

**Justificativa:** desde criança a gente ouve muitas histórias de príncipes e princesas, mas o que pouca gente sabe é que essas histórias foram trazidas para o Brasil pelos portugueses, os europeus. No imaginário infantil é cultivada a imagem de uma princesa de, mas devemos saber também que há uma infinidade de histórias que vieram da cultura africana para o Brasil e que a gente pouco conhece. Assim como há linda histórias indígenas, orientais que a gente pouco conhece.

**Objetivo geral:** construir uma imagem positiva de princesa diferente da convencional.

**Objetivos específicos:**

- Valorizar a cultura africana;
- Trabalhar a auto-estima das crianças;
- Desenvolver a linguagem oral e escrita;
- Desenvolver o gosto pela leitura;
- Aumentar o repertório musical;
- Despertar o interesse por contos;
- Estimular a capacidade imaginativa da criança;
- Valorizar a beleza negra;

**Conteúdos trabalhados:** literatura; música e movimento; linguagem oral e escrita; valorização da cultura afro; auto-estima; socialização.

**Estratégias:**

Cronograma das atividades / desenvolvimento:

- Problematização

Conversa com as crianças na rodinha indagando quais os nomes de princesas e príncipes de contos de fadas que conheciam. Como eram traços físicos; onde viviam; com quem; etc. Mostrar duas imagens de mulheres uma negra e outra branca indagando qual das duas se parecia mais com uma princesa. Por quê? E se conhecem alguma princesa que se parece com a mulher de pele negra da outra imagem. Após, selecionar quatro contos de princesas que foram lembrados pelas crianças para serem contadas e observadas as características...

- Caixa surpresa

Objetos: livro, lenços, fitas, adereços de cabelo, espelho, revistas raça.

Indagar: - o que tem dentro? A quem pertence? Quem são? E como são elas, quem conhece????? Princesas negras?

Manuseio dos objetos.

Apresentação do livro. Revelar que o livro vai ajudar a descobrir como é, quem é a princesa negra.

- Divisão do livro em seis partes

1º momento – pagina 1 - como é a princesa

Ler o livro parando em cada página, mostrando as imagens e destacando as palavras e expressões que valorizam a imagem da negra.

Leitura do trecho e reflexão: para serem vistas, tem que ser antes sentidas. Como será a princesa negra? Como podemos senti-la? Como sentimos as pessoas que estão ao nosso redor?

Dinâmica: do toque no rosto do outro de olhos fechados

Será que elas se parecem com a gente? Será que ela é bonita?

2º momento – pagina 2 - cor da pele da nossa princesa - melanina

Reflexão: qual a cor da pele de nossa princesa? Por que ela tem a pele negra? Se ela tem a cor da pele negra, com quem será que ela se parece? Como será a família de nossa princesa?

Atividade registro: procurar em revistas imagens de pessoas que se pareça com nossa princesa recortar e colar em uma folha.

Somos parecidos com as pessoas da nossa família? Com quem você se parece?

⇒ Atividade para casa: levando o livro para casa e apresentá-lo para apreciação da família

3º momento – paginas 3 e 4 – cabelos

Leitura do trecho

Manuseio de revistas com penteados afro indagando: já viram mulheres que usam cabelo assim? O que vocês acham?

Atividade de registro: recorte e apreciação de fotos de pessoas negras com diferentes penteados. Montagem de quebra-cabeças com as imagens

4º momento – paginas 5/6/7 - onde nossa princesa mora

Leitura dos trechos do livro – ancestrais/ África

Conversar com as crianças sobre as "famílias" (povos) que formam o Brasil: os índios, o negro, o colonizador europeu, explicar que esses povos foram se cruzando, para formar a grande família brasileira, que tem as características de suas origens. A influência que os africanos escravizados tiveram na formação da identidade brasileira, nas religiões, festas, cantigas, danças, culinária buscando representações positivas do negro.

Mostrar mapa da África, imagens de figuras e casas africanas.

Apresentar CD com música africana para as crianças ouvirem e dançarem...

Reflexão: onde será que nossa princesa mora? Com quem será que ela mora? Como é a casa dela?

Atividade: vamos desenhar a família dela? É uma linda casa para a nossa princesa e sua família?

⇒ Atividade para casa – pesquisa

5º momento – páginas 8/9/10

Leitura do trecho –

Após indagar: conhecemos um pouco da nossa princesa. Como ela é? Onde mora? Etc. Será que nossa princesa tem príncipe? Como será que ele é?

Atividade: desenhar um príncipe para a princesa.

6º momento – páginas 11/12 -

Leitura dos trechos

Momento da visita: apresentação dos bonecos negros na rodinha  
Como se chama nossa princesa?

Atividade: apresentar nomes africanos para votar o nome da princesa e do príncipe.  
Sugestões de nomes africanos, explicar significado dos nomes.

7º momento- história de princesa

Conto africano- “as pérolas de Cadjá”

Leitura; reflexão; encenação

8º momento: 1ª abordagem na escola

Apresentação do príncipe e princesa às outras turmas

Quais os príncipes e princesas que você conhece? Como eles são? Descreva, desenhe.

Perguntar quem quer conhecer uma princesa e um príncipe que é diferente das que conhecemos? Apresentar os bonecos princesa Lila e príncipe Abayomi – como eles são?

### 2ª abordagem na escola

Pesquisa: observe e diga - qual imagem é mais parecida com você?

Registro das respostas.

Apresentar: caixa com frase na frente e espelho dentro.

Existem diversos príncipes e também diferentes princesas  
Abra e veja quanta beleza

Você é lindo/a, você é especial, como você não há outro/a igual!!

Após afirmar: sabia que você também é uma princesa / um príncipe?

Oferecer as pessoas cartões confeccionados pelas crianças.

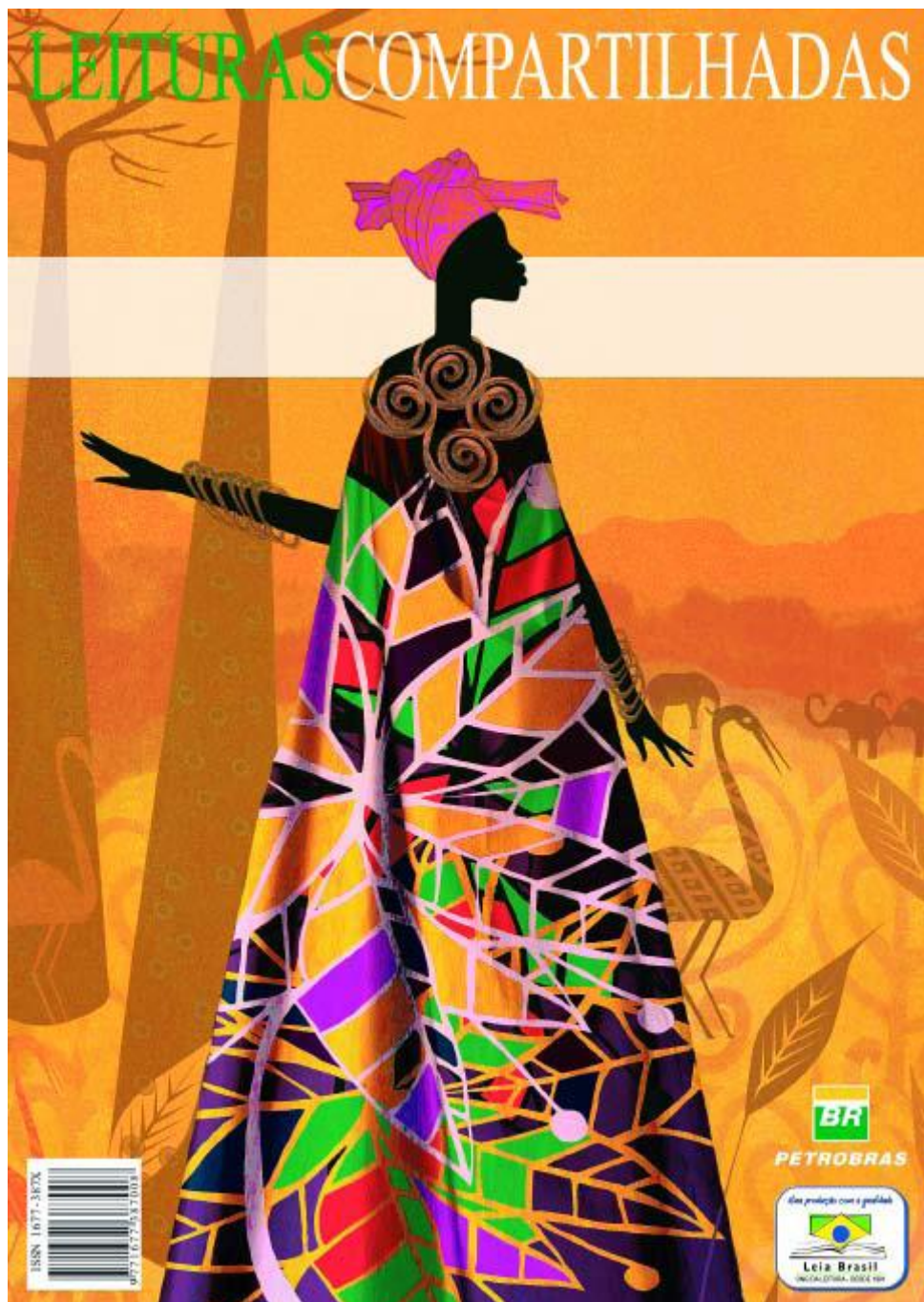
### **Material necessário:**

- Livro: princesas negras e a sabedoria ancestral autoras: Ariane celestino Meireles e Edileusa penha de Souza;
- Revistas com imagens de pessoas negras com penteados diferentes;
- Casal de bonecos negros;
- Garrafa petti; tecidos coloridos;
- Pulseiras;
- Adereços para cabelos;
- Livro: gosto de África;
- cd de músicas africanas;

Culminância: apresentação para a escola e a família do conto africano. Oficinas; penteado afro e confecção de bonecas de garrafa petti. Exposição de atividades de desenhos artísticos realizados pelas crianças.

**Avaliação:** observação e registro da educadora de todo o processo. Registro de crianças com desenhos. Registro escrito da família.

Anexo 2



[http://www.leiabrasil.org.br/pdf/Princesas%20Africanas\\_bx.pdf](http://www.leiabrasil.org.br/pdf/Princesas%20Africanas_bx.pdf)